

Pessoa breve

FERNANDO PESSOA

ODES ESCOLHIDAS DE
RICARDO REIS

edição

FERNANDO CABRAL MARTINS

RICHARD ZENITH

ASSÍRIO & ALVIM

PREFÁCIO

Fernando Pessoa pensou arrumar as odes de Ricardo Reis em vários «livros», e organizou, para o primeiro número de *Athena*, de outubro de 1924, da qual era diretor literário, um «Livro Primeiro» com vinte odes, que abre esta antologia. Embora tivesse publicado apenas algumas odes soltas nos anos seguintes, dentre as mais de duas centenas que escreveu, manteve viva a ambição de construir unidades poéticas maiores.

É que Ricardo Reis é o heterónimo de feição clássica, herdeiro de uma tradição milenar de poesia e representando qualquer coisa como um segundo Renascimento contemporâneo. Num retrato dos primeiros tempos é dado como professor de latim num colégio americano¹, e a Carta sobre a Génese dos Heterónimos traça-lhe o retrato definitivo: nascido em 1887 no Porto, educado num colégio de jesuítas, latinista por educação alheia e semi-helenista por educação própria, é médico de profissão, vivendo no Brasil desde 1919, para onde «se expatriou espontaneamente por ser monárquico». E a mesma carta compara-o fisicamente com o Mestre Caetano: «é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mais seco. De resto, é de um vago moreno mate»².

¹ *Páginas Íntimas*, p. 332.

² *Teoria da Heteronímia*, pp. 277-278.

A relação que Ricardo Reis estabelece com Alberto Caeiro, o Mestre, é a coluna vertebral da ficção dos heterónimos, que Pessoa inventa e desenha na primavera de 1914. Ele é o discípulo improvável e a demonstração viva da capacidade inspiradora do Mestre. É, ao mesmo tempo, radicalmente diferente dele e uma variação sobre os seus temas e a sua atitude.

Na verdade, Ricardo Reis é, do ponto de vista formal, discípulo de Horácio, ao ponto de usar os próprios nomes das interlocutoras femininas das odes do poeta latino: Lídia, Cloe, Neera. Assim, Ricardo Reis faz a paródia ou a reencenação de Horácio, e torna-se um «agente especial» da paixão classicista de Pessoa, ele mesmo educado no conhecimento dos clássicos. Paixão essa que, aliás, chega a tomar a elaborada forma de uma teoria do Neopaganismo, a cuja concepção faz com que se dedique, ao longo de uma obra tão extensa quanto fragmentária, o heterónimo filósofo António Mora. Mas dessa mesma atitude neoclássica relevam também, por exemplo, a reiterada defesa pública do «helénico» António Botto, seu amigo e poeta modernista na vida real, ou as traduções «Da Antologia Grega» que publica na *Athena* — revista cujo nome, como o próprio nome de *Orpheu*, sugerem essa tradição fundamental.

De qualquer modo, Ricardo Reis escolhe zonas bem determinadas do pensamento grego, as do Epicurismo e do Estoicismo, cuja atitude é materialista como a do Mestre Caeiro, e que valorizam, como ele, a sensação e o corpo.

Ricardo Reis é o poeta heterónimo em que, de uma forma mais óbvia, o estilo é pátria e identidade. Leia-se a ode de abertura do «Livro Primeiro», que formula o claro triunfo da poesia

sobre a morte: «Seguro assento na coluna firme / Dos versos em que fico». A resistência à passagem do tempo mostra-se uma qualidade comum aos deuses e à poesia.

A sua última ode, datada de 13-11-1935, «Vivem em nós inúmeros», é uma das mais fortes e complexas que escreveu. Nela analisa os modos de existência subjetiva de uma multiplicidade de Eus, de «almas», de «impulsos cruzados». Tal como o Neopaganismo promove o «regresso dos deuses» antigos, a própria ideia de multiplicidade modernista é aqui essencial. Os deuses pagãos são como que uma colonização do espaço sagrado. Vê-se, assim, como uma experiência psíquica moderna pode ser metaforizada pela mitologia clássica.

Uma interpretação meta-poética deste poema é inevitável. De modo semelhante ao que lemos em Álvaro de Campos, a dispersão do sujeito em Ricardo Reis é um microcosmo da heteronímia. Esta proliferação de almas-eus é homóloga à das dezenas de *dramatis personae* em que Pessoa se desdobra, com a diferença simples de que ele inventa para elas nomes, personalidades e obras. Torna-se, assim, a condição de possibilidade da heteronímia.

Outro modelo do múltiplo é de ordem filosófica, e tem a ver com o niilismo que se encontra formulado numa outra ode, a que começa por «Nada fica de nada. Nada somos», e termina pelo verso «Somos contos contando contos, nada». A ideia de que tudo acaba, de que tudo é e há de ser nada, abre os limites que desenhavam a identidade e dispersa em muitos o Eu que sente ou pensa.

A dimensão narrativa — quer a dos «contos contando contos» quer a da mitologia — vem ocupar grande parte do espaço temático. Noutras odes, como «O ritmo antigo que há em pés

descalços», é a dança que procede a essa ocupação simbólica. Isto é, a atividade artística, o exercício poético das formas é essencial na resposta neopagã de Ricardo Reis à efemeridade de tudo.

Encontramos ainda uma singular projeção da linha semântica do tempo sobre a do espaço, produzindo-se aquilo a que se poderia chamar uma espacialização do tempo. Assim, voltando à ode final, «Vivem em nós inúmeros», a subjetividade é figurada como um espaço interior onde tudo acontece como cenas num palco de teatro: «Sou somente o lugar / Onde se sente ou pensa». Ou como a passagem anónima de transeuntes num espaço aberto: «ignoro / Quem é que pensa ou sente».

Este «lugar» de acontecimentos vários em que se transforma o Eu que pensa ou sente resume-se, afinal, na soberania do estilo, na escrita dos versos impecavelmente arrumados e dominados, único «seguro assento» que pode haver, o da inscrição que perdura. A absoluta precisão do impreciso.

XI

Temo, Lídia, o destino. Nada é certo.
Em qualquer hora pode suceder-nos
 O que nos tudo muda.
Fora do conhecido é estranho o passo
Que próprio damos. Graves numes guardam
 As lindas do que é uso.
Não somos deuses: cegos, receemos,
E a parca dada vida antepoñamos
 À novidade, abismo.

XII

A flor que és, não a que dás, eu quero.
Por que me negas o que te não peço?
 Tempo há para negares
 Depois de teres dado.
Flor, sê-me flor! Se te colher avaro
A mão da infausta esfinge, tu perene
 Sombra errarás absurda,
 Buscando o que não deste.